

DISCURSOS DIFERENCIADOS PARA VEÍCULOS DISTINTOS

Vania Maria Medeiros de Fazio Aguiar (UNITAU)
vaniafaziaoaguiar@yahoo.com.br

Introdução

Os materiais de leitura, na época da Revolução Industrial, eram destinados à burguesia, cujo poder aquisitivo é que determinava a circulação da literatura, difusora, então, de padrões de comportamento e ideologias. E nas escolas, à leitura era conferida uma fisionomia pedagógica. Hoje não vemos muitas mudanças nesses parâmetros, estimulando, assim, muitos estudiosos a desenvolverem pesquisas, visando a analisar diferentes tipos de textos realizados dentro de determinado contexto sócio-histórico. O principal objetivo desses estudos é dar subsídios aos professores da língua materna na capacitação do aprendiz de perceber os diferentes sentidos dos discursos que o envolvem, auxiliando a escola na sua função de desenvolver a competência do aluno para participar dignamente do círculo social a que pertence.

O ensino de língua materna, atualmente, requer uma necessidade urgente de consolidar a aprendizagem do aluno com sua vivência, fazendo-se necessário que a leitura seja realizada de maneira significativa em tempo correspondente. A comunicação de massa, principalmente o jornal, pode se tornar a mola diretriz para qualificá-lo a participar do mundo como agente modificador. Um olhar teórico-metodológico por parte do profissional de educação a respeito do discurso midiático pode atender a essa demanda, tendo em vista a análise dos sentidos que envolvem os enunciados.

A aprendizagem de Língua Portuguesa baseada na teoria dialógica da linguagem de Mikhail Bakhtin e o Círculo promove uma ampla identificação com a linguagem usual. É o acontecimento que faz com que seja possível nossa localização no tempo e espaço históricos, assim como certos fatos, sejam políticos, econômicos ou sociais inscritos na vida por meio de enunciados publicados na mídia impressa, permitindo ao leitor uma associação libertária da linguagem.

Para Dolz e Schneuwly (1999), o caminho a percorrer deve ser norteado pela capacidade profissional daquele que será o porta-voz dessa aplicação, escolhendo materiais didáticos que preencham os quesitos de uma produção esclarecedora e ao mesmo tempo tenham um objetivo prático, evidenciando as dimensões ensináveis. Além disso, devemos estar atentos à capacidade dos alunos, às finalidades e objetivos da escola, aos processos de ensino/aprendizagem, além da coerência com os objetivos visados. Precisamos de um novo treinamento educacional, segundo Eco (1996).

Que os textos da mídia sejam trabalhados na escola de maneira produtiva, a fim de desenvolver, de acordo com Gregolin (1999), o olhar múltiplo do leitor, levando-o a assumir várias posições de leitura. Todo esse processo possibilita seu reconhecimento nesse movimento em que deslizam formas e expectativas de interpretação, além do confronto com o olhar do outro, interpretando os sentidos criados no fio do discurso, capacitando-o, assim, para analisar a memória da sociedade. Segundo Melo (2003), diferentemente de instituição para instituição, há uma abertura para a circulação de pontos de vista variados, idealizados pela empresa, pelo jornalista, pelo colaborador e pelo leitor.

Visando a examinar as relações dialógicas entre enunciados opinativos da mídia impressa, o leitor presumido e o contexto sócio-histórico, apresentamos este trabalho, baseado na teoria bakhtiniana, como subsídio para o professor de Língua Portuguesa para orientar os aprendizes a olharem de maneira crítica os diferentes discursos que estão inseridos na esfera jornalística. Para tal estudo examinamos a materialidade do gênero editorial dos jornais *Folha*

de S. Paulo e O Globo, de 18/03/2011, véspera da visita do presidente americano Barack Obama ao Brasil. Procuramos observar nas escolhas linguísticas os sentidos que circundam os enunciados e a relação sócio-política que os envolve, além do tom avaliativo adotado em cada um deles, em que consideramos o leitor pressuposto do jornal e o contexto imediato.

Mesmo abrangendo poucos aspectos enunciativos para análise, esperamos colaborar, com essa pesquisa, no ensino da língua materna e no domínio dos educandos na leitura de enunciados de maneira crítica e, dessa forma, propiciar uma maior autonomia na sua forma de compreender/interpretar os diferentes modos de apresentação de opinião da mídia impressa. Além disso, esperamos contagiar futuras pesquisas nos estudos da Linguística Aplicada, para que a educação nas escolas possibilite cada vez mais o desenvolvimento do potencial de leitura crítica dos aprendizes, auxiliando, assim, na concretização dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

1. Fundamentação teórica

O estudo dos gêneros com aplicativos na área educacional promete uma mudança de postura no ensino de Língua Portuguesa pela sua amplitude em todos os segmentos, alcançada por meio de observações discursivas e linguísticas, capazes de fazer perceber as intenções inseridas no discurso. De acordo com os PCN (2000, p. 5-6), propõe-se, no nível de Ensino Médio,

a formação geral, em oposição à formação específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização. São estes os princípios mais gerais que orientam a reformulação curricular do Ensino Médio e que se expressam na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394/96.

Para que tal proposta seja realizada a contento, devemos utilizar as diversas formas de apresentação de enunciações, pois de acordo com Bakhtin (2003, p. 261) “os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”, efetuada em forma de enunciados orais e escritos, concretos e únicos.

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo pelo seu conteúdo, pelo seu estilo, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional. [...], os quais denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2003, p. 261-262, grifo do autor).

No discurso das mídias, especificamente da esfera jornalística opinativa, as idéias construídas em certa enunciação englobam os interesses da empresa embutidos nos objetivos de sua produção, a visão do autor sobre a influência dessas orientações acerca de sua opinião e a presumida reação do leitor frente às colocações apresentadas sobre os acontecimentos. Essas enunciações são plenas das palavras do outro, de um grau vário de alteridade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância assimilados, reelaborados e reacentuados pelos participantes da interação comunicativa, possibilitando uma abertura na comunicação entre os interlocutores.

O gênero editorial, dessa forma, torna-se uma fonte rica de estudos interpretativos, podendo ser direcionada ao ensino de Língua Portuguesa pela sua função social destinada ao leitor. Este participa do discurso formulando sua própria interpretação baseada nos conhecimentos e habilidades já construídos e, também, pela intenção de manipulação do

veículo pelas ideias concebidas em determinado contexto histórico. A assimilação de tais conhecimentos pode se tornar uma assimilação de posturas determinantes para atitudes cidadãs. E dessa forma, de acordo com Bakhtin (2003, p. 265), “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos [...]”.

“As várias formas típicas de direcionamento e as diferentes concepções típicas de destinatários são peculiares constitutivas e determinantes dos diferentes gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 305). Essas diretrizes definem a forma da enunciação, como os editoriais, objetos de nosso estudo, sobre o mesmo assunto e publicados no mesmo dia. Por serem realizados por veículos diferentes espelham direções diversas, pois refratam de maneira diversificada os fatos que culminaram para a concretização do evento histórico. Isso se deve ao perfil do público alvo e ao corpo editorial que determina o conteúdo diário. “Cada campo de criatividade tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira” (BAKHTIN, 2009, p. 33).

O editorial, segundo Melo (2003), é o gênero jornalístico opinativo que expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento. Porém, de acordo com Raul Prada (apud Melo 2003), estão embutidas também as opiniões dos proprietários nominais, dos acionistas majoritários, dos financiadores, dos anunciantes, do aparelho burocrático do Estado, constituindo uma teia de articulações políticas, integrando as políticas da empresa aos interesses corporativos que defendem.

Se o editorial, segundo Carvalho e Puzzo (2003, p. 157), “representa os interesses da empresa e ao mesmo tempo se mostra comprometido com a comunidade, sua linguagem possui a máscara de uma impossível neutralidade, o que limita a liberdade de estilo, em função do padrão da empresa”. São os redatores profissionais que exercem essa tarefa de ajuste para que a mensagem do editorial espelhe a organização e reflita a sua opinião, em que são atribuídas: a impessoalidade - a matéria não é assinada; a topicalidade - tema delimitado; a condensalidade - poucas ideias; e a plasticidade - flexibilidade (BELTRÃO apud MELO, 2003).

É a materialidade linguística, segundo Gregolin (1999), que mostra que o diálogo que se materializa em cada veículo é povoado de vozes e discursos transversos. Os vários sentidos apresentados se encarregam de fazer circular os objetos simbólicos de uma sociedade, dependendo da posição ideológica em determinado momento da história. A construção visível de um discurso permite, a partir de um jogo argumentativo, estar em relação com um domínio de objetos, prescrever uma posição definida a qualquer sujeito possível, estar situado entre outras performances verbais e, dessa forma, buscar adesão, visando ao diálogo por meio de um já-dito, criando a ilusão de evidência e unicidade. À vista disso, “as formas que constituem uma enunciação completa só podem ser percebidas e compreendidas quando relacionadas com outras enunciações completas pertencentes a um único e mesmo domínio ideológico” (BAKHTIN, 2009, p.108).

A aprendizagem da língua materna por meio da observação e associação dos acontecimentos em consonância com a publicação de enunciados que caracterizam o gênero discursivo editorial, possibilita ao aprendiz estabelecer uma correspondência entre os estilos apresentados nos diferentes veículos da mídia impressa em determinadas unidades temáticas como a visita de Barack Obama ao Brasil, a que nos propomos analisar, refletidos nas escolhas linguísticas e na maneira de discursar, no tom.

Para Bakhtin (2003), o estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento. A própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico, que se combina organicamente com base na unidade real do fenômeno da língua, que é o enunciado. “Onde há estilo há gênero. A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero” (BAKHTIN, 2003, p. 268). Devemos estar sempre atentos a outros

enunciados, visto ser o discurso jornalístico uma construção de enunciados diversos, em que a palavra, como diz Bakhtin (2009, p. 99, grifo do autor) “*está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*”.

Os efeitos de verdade do discurso de informação são modulados de acordo com as razões de o porquê informar, quem informa e quais são as provas, permitindo a si o poder de dizer, quando a informação foi pedida, ou transmitindo-a por iniciativa própria, quando não houve pedido. Esse entrecruzamento de itens permite uma visão do espaço midiático, que pode ser transformado em credibilidade e, conseqüentemente, em captação de receptores. O crédito que se pode dar a uma informação, para Charaudeau (2010, p. 52, grifo do autor),

depende tanto da *posição social* do informador, do *papel* que ele desempenha na situação de troca, de sua *representatividade* para com o grupo de que é porta-voz, quanto do *grau de engajamento* que manifesta com relação à informação transmitida.

Assim, o jornalismo, segundo Cardoso (2001), reproduz o mundo semantizando os discursos das fontes, produzindo novos enunciados com sentido e significação no contexto dado, inserindo locutor e interlocutor, cujos discursos serão compreendidos a partir de seus próprios contextos.

Para que exista uma condição favorável para esse intuito, é preciso predisposição do leitor para a observação das intenções comunicativas implícitas nos efeitos de sentido do discurso que objetiva persuadi-lo, à espera de uma adesão. É necessário observar o encadeamento das ideias expostas. É necessário o conhecimento dos caminhos por onde o enunciador poderá se posicionar, como por exemplo, a pressuposição, que de acordo com Ducrot (1987, p. 41) “é parte integrante do sentido do enunciado”. É preciso estar atento a quem produz o enunciado, às suas posições e intenções, ao lugar que se produz para a percepção dos sentidos embutidos nas escolhas que a língua permite. “Para o reconhecimento do implícito, faz-se necessário que o ouvinte tenha condições de reconhecer no enunciado a forma particular sob a qual a proposição vem expressa” (KOCH, 2009, p. 27).

O perfil do público alvo é condição primeira para a pressuposição adequada, pois “se apresenta com a força de uma imposição explícita” (Vogt, apud KOCH, 2009), podendo ser vista, segundo Koch (2009), como uma espécie de presunção de adesão do(s) interlocutor(es) por parte do falante. No caso dos editoriais, o direcionamento do discurso é determinado pela representação do leitor de cada jornal: *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, de cuja ideologia espera-se compatibilidade para com a da empresa que os veicula, assim como a compreensão dos acontecimentos que fizeram história.

Para Benveniste (apud Cardoso, 2001), a enunciação é uma relação do sujeito com a língua. E o jornal, como reproduzidor de enunciados, procura se apropriar de todos os seus possíveis elementos constitutivos como sujeito, tempo e lugar/espaço, a fim de alcançar a divulgação da sua avaliação sobre determinado fato.

Os editoriais selecionados nos permitem observar certas manifestações ideológicas através das escolhas linguísticas dos enunciados, objetivando os interesses de cada veículo sobre o fato histórico, que é a visita do presidente americano ao Brasil, para a qual eram esperadas algumas soluções de determinados impasses entre as duas nações. A fim de um bom entendimento sobre os editoriais selecionados, podemos dizer que seria preciso um conhecimento prévio, por parte dos leitores, dos acontecimentos que antecederam a refração das ideias concebidas nos enunciados por intermédio de outras leituras, capacitando-os a uma responsividade. Para Bakhtin (2009, p. 111), os contextos “não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto”.

Dessa forma, cabe ao leitor uma interpretação salutar baseada na sua compreensão de mundo, nas leituras que fazem parte de sua formação, procurando filtrar a influência a que o discurso jornalístico pretende por meio de um juízo influenciado por certas ideologias. Eco (1996) diz que há uma ideia curiosa de que quanto mais usamos uma linguagem verbal mais somos profundos e perceptivos, pois toda inscrição “prolonga aquelas que a antecederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as” (BAKHTIN, 2009, p.101), dando sentido ao enunciado.

Podemos considerar que urge uma atenção maior na preparação de nossos aprendizes. “Quanto mais forte, mais bem-organizada e diferenciada for a coletividade no interior da qual o indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será o seu mundo interior” (BAKHTIN, 2009, p. 119). De acordo com Eco (1996), precisamos de uma nova forma de competência crítica, para que possamos participar ativa e criticamente na sociedade a que pertencemos. Podemos adquirir o treinamento para tal capacidade com o ensinamento dos gêneros discursivos como bem colocaram Dolz e Schneuwly (1999), que para Brito (2004), nada mais são do que ações sócio-discursivas para agir o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo.

Com base nestes pressupostos, observaremos, adiante, o dialogismo existente entre os editoriais selecionados.

2. Relações dialógicas entre os editoriais

Para a realização da análise dialógica selecionamos os editoriais do jornal *Folha de S. Paulo* e do jornal *O Globo*, de 18 de março de 2011, véspera da visita do presidente americano Barack Obama ao Brasil. Tal visita poderia ser de grande proveito para as duas nações para tratarem sobre assuntos pendentes entre Brasil e Estados Unidos, referentes à produção de biocombustível, à extinção da sobretaxa de exportação do etanol brasileiro, à colaboração dos EUA na exploração do pré-sal e ao assento permanente do Brasil no Conselho de Segurança da ONU.

Podemos dizer que o jornal *Folha de S. Paulo* e o jornal *O Globo* contam com um público com um poder aquisitivo elevado e mais esclarecido. Parte do público-leitor são assinantes e leitores que se manifestam na seção cartas do leitor, tornando possível a relação dialógica entre os interlocutores. “Cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero” (BAKHTIN, 2003, p. 301).

De acordo com o Manual da Redação (2010), o jornal *Folha de S. Paulo* tem como alguns de seus objetivos produzir um jornalismo crítico, moderno, pluralista e apartidário. Para que tal aconteça é necessário dar maior originalidade na identificação dos temas a serem objetos de apuração, bem como uma focalização mais precisa de sua abordagem, além da observação detalhada dos acontecimentos, redação clara e precisa, atitude de independência, organização crítica e hierárquica das notícias. O jornal *Folha de S. Paulo*, além disso, segundo Rossi (2000, p. 64), “elegeu a independência absoluta em relação a partidos e governos em geral como sua bandeira”.

Por outro lado, o Manual de redação e estilo de *O Globo* (1996, p. 47), afirma que as notícias do jornal “são a matéria-prima natural da opinião, mas não a única. O artigo ou editorial realmente útil suplementa a notícia com pesquisa e informação próprias. Sem isso será difícil ir além de observações superficiais e conclusões padronizadas”.

Seguindo os ensinamentos do Círculo de Bakhtin, Irene Machado (2010) confirma que o espaço das relações dialógicas se define em função das interações em jogo no campo de visão e naquilo que o excede. A estudiosa da linguagem afirma:

O tempo dialógico é examinado na dinâmica do texto social da cultura onde as manifestações podem ser situadas em seu caráter conceitual, atual e sensorial. O tempo dialógico pode ser assim dimensionado pelas condições antropológicas. [...]. Tempo e espaço [...] são transformações semióticas de vivências em sistemas culturais produtores de sentido (MACHADO, 2010, p. 209).

Segundo a teoria bakhtiniana, o que determina o enunciado, seu estilo e sua composição é a visão de mundo do falante, os seus juízos de valor e emoções, por um lado, e o objeto do seu discurso e o sistema da língua, por outro. Confirmando a proposição teórica de Bakhtin, a seguir faremos uma amostra de análise linguística/discursiva relacionando os editoriais dialogicamente aos diversos sentidos que circulam em determinado contexto sócio-histórico-cultural.

2.1. A materialidade linguística/discursiva

A escolha da materialidade linguística pelos locutores para o desenvolvimento dos editoriais mostra que os enunciados dialogam através do tempo e do espaço numa visão cronotópica, numa multiplicidade de vozes. Os índices do tempo, para Bakhtin (2010, p. 211), “transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo”. Dessa forma, a palavra “será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais. [...]. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais” (BAKHTIN, 2009, p. 42, grifo do autor).

Para melhor observação da materialidade dos enunciados estabeleceremos um código: (I) para a *Folha de S. Paulo* e (II) para *O Globo*.

I. Operação simpatia

Sem perspectiva de muitos ganhos concretos, viagem do presidente Barack Obama ao Brasil aponta para maior aproximação dos dois países

Palco de manifestações históricas pela democracia, e até hoje local propício a quem queira avaliar o pulso e a temperatura da política brasileira, a Cinelândia deverá receber, no domingo, a estrela política um tanto declinante, mas ainda carismática, de Barack Obama.

Não é fato corriqueiro, pensando na longa e dúbia história de fascínio e resistência do Brasil face à influência americana, que um presidente dos Estados Unidos venha pronunciar, em pleno centro do Rio de Janeiro, um discurso dirigido diretamente à população.

Em Berlim, durante a sua campanha, e no Cairo, em 2009, Obama fez discursos considerados históricos. Essas manifestações traziam diferença palpável frente a seu antecessor, George W. Bush, tanto no que toca à cooperação com organismos internacionais quanto nos temas candentes dos direitos humanos e das relações americanas com o mundo muçulmano. O discurso principal da viagem à América Latina, contudo, deve realizar-se no Chile.

Não há tanto a esperar, nem mesmo do ponto de vista retórico, da passagem de Obama em terras brasileiras. Parece improvável que o presidente reserve a ocasião para defender explicitamente o ingresso do Brasil no Conselho de Segurança da ONU, como fez com relação à Índia em 2010.

Isso representaria um notável passo na expectativa, promovida pelo próprio Obama, de uma gestão mais equilibrada dos impasses internacionais. O fato é que a postulação não tem recebido, por parte dos EUA, mais que frases protocolares e pouco encorajadoras.

A visita de Obama possui, do ponto de vista político e diplomático, mais o aspecto de uma aproximação necessária do que o de uma passagem a patamares inéditos de parceria.

Contudo, diante dos frequentes deslizes diplomáticos da administração anterior no tema dos direitos humanos, que diversas declarações da sucessora Dilma Rousseff vêm corrigindo em boa hora, e da importância crescente do Brasil no cenário internacional, a visita de Obama torna-se propícia para superar o relativo descompasso que, não apenas no plano comercial, verificou-se entre os dois países até recentemente.

Discursos, cortesias, futebol e samba talvez componham, na verdade, parte mais substancial do que se pensa na agenda da visita. A operação simpatia não deve ser menosprezada: tem relevância clara no estágio atual das

relações entre Brasil e EUA, e Barack Obama, em que pese uma imagem menos triunfante do que a de seus primeiros dias, possui talento suficiente para realizar a contento essa missão de relações públicas.

(I) *Folha de S. Paulo*, 18 mar. 2011, p. A2 opinião.

II. Mudança de clima entre Brasil e EUA

A visita do presidente Barack Obama ao Brasil, que se inicia amanhã, tem pelo menos dois aspectos: o político/diplomático e o econômico/comercial. É grande a expectativa em relação ao primeiro, que diz respeito à superação da fase de tensões e desentendimentos no governo Lula, com sua política externa companheira, apoiada numa visão esquerdista antiamericana e ultrapassada.

Obama chega no 77º dia do governo Dilma Rousseff que, mesmo antes da posse, já indicara desejar uma relação mais próxima com os EUA. Nesse período de dois meses e meio, a diplomacia brasileira deu sinais de mudança de curso. A própria presidente criticou a abstenção brasileira na ONU, em 2010, num voto de condenação ao Irã na questão dos direitos humanos.

São consideráveis, portanto, as chances de melhoria das relações bilaterais, o que não quer dizer que Brasil e EUA passem a concordar em tudo. Brasília tem várias demandas em relação a Washington que continuarão válidas, como, entre outras, redução de tarifas de importação, retirada de medidas antidumping, como a sobretaxa ao etanol, o fim ou pelo menos redução dos subsídios ao setor agrícola, que afastam produtos brasileiros do maior mercado do mundo. Ao contrário do que desejaria o Brasil, Obama não deverá se pronunciar, senão genericamente, sobre o tema da reforma do Conselho de Segurança da ONU.

No aspecto econômico/comercial, é razoável esperar progressos a partir da visita. Altos funcionários da Casa Branca disseram que um dos objetivos da viagem é enfocar questões econômicas, inclusive para aplacar a preocupação dos eleitores americanos com o elevado desemprego nos EUA. A área energética deverá ser contemplada. São esperados acordos importantes, como garantia de fornecimento de petróleo pelo Brasil aos EUA, tendo em vista inclusive a produção do pré-sal. O Brasil é um fornecedor muito mais confiável do que o Oriente Médio, a Venezuela de Chávez e países africanos. Deverá ter lugar também uma reaproximação na questão do etanol - destaque da visita do presidente Bush, em 2007, mas pouco a pouco esvaziada.

Os EUA se mantêm como o principal fornecedor dos produtos importados pelo Brasil (US\$27,03 bilhões em 2010). Mas as vendas brasileiras ao mercado americano não param de cair, por uma série de motivos, mas também pela postura hostil do governo Lula, no qual houve uma redução significativa na promoção comercial dos produtos brasileiros nos EUA. Como resultado disso, as relações comerciais bilaterais passaram de um saldo de US\$1,79 bilhão em 2008, favorável ao Brasil, para um déficit de US\$4,43 bilhões em 2009 e de US\$7,73 bilhões no ano passado. A China é hoje a principal compradora no Brasil.

O clima do encontro entre Obama e Dilma Rousseff pode ser definido como otimista. Em declaração ao "Washington Post", a diretora para a América Latina do Woodrow Wilson Center, em Washington, resumiu o sentimento predominante: "Há uma atitude diferente, um desejo de uma relação muito mais pragmática com os Estados Unidos. Há a sensação de que o Brasil tem hoje uma presidente mais pragmática, menos ideológica."

(II) *O Globo*. 18/03/2011. Editorial.

Observamos no §2 (I): *Não é fato corriqueiro, pensando na longa e dúbia história de fascínio e resistência do Brasil face à influência americana [...]*, e no § 1 (II): *É grande a expectativa em relação ao primeiro (político/diplomático), com sua política externa companheira, apoiada numa visão esquerdista antiamericana e ultrapassada*, uma ligação com vários fatos ocorridos entre Brasil e Estados Unidos decorrentes de posicionamentos ideológicos como em:

- 2002, quando um ex-membro do Conselho de Segurança americano afirmou que o candidato à presidência Luiz Inácio Lula da Silva, caso eleito, conduziria o Brasil para o "eixo do mal", formado por países como Venezuela e Cuba.
- 2003, quando o governo brasileiro declara-se contra a invasão do Iraque pelas tropas americanas.
- 2004, quando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva determina a expulsão do jornalista americano Larry Rohter correspondente no Brasil do jornal *The New York Times*, que escrevera um artigo afirmando que o envolvimento de Lula com o álcool era tema de preocupação nacional;

- 2004, quando a justiça brasileira determinou que visitantes americanos fossem fotografados e suas impressões digitais colhidas ao chegar ao Brasil, alegando o princípio da reciprocidade, pela medida adotada pelos EUA após os atentados de 11 de setembro.
- 2005, em que a Alca não entra em vigor, continuando na mesa de negociações, devido ao desacordo entre Brasil e EUA.
- 2007, quando se inicia a chamada “diplomacia do etanol”, objetivando a redução da dependência do petróleo e a emissão de gases que contribuem para o aquecimento global
- 2010, quando o Brasil vota contra as novas sanções ao Irã, comprometendo sua posição diplomática¹.

Podemos dizer que a escolha das palavras em (I), como *longa e dúbia história de fascínio e resistência*, remete-nos a passagens de romances de cavalaria com certa dose de nostalgia e poesia, transmitindo uma mensagem de uma relação de amor platônico. Já no editorial de *O Globo* podemos supor, pelas escolhas linguísticas como *política externa companheira; visão esquerdista antiamericana e ultrapassada*, um tom de demagogia, em que foram utilizadas as paixões populares.

Podemos reiterar que os dois enunciados recorreram a certas emoções que poderiam surtir no leitor mais apaixonado por seus ideais, repercutindo nas suas avaliações sobre a postura americana frente às esperanças brasileiras de reconciliação.

No seguimento da análise temos no § 4 (I): *Parece improvável que o presidente reserve a ocasião para defender explicitamente o ingresso do Brasil no Conselho de Segurança da ONU*; e no § 3 (II): *Ao contrário do que desejaria o Brasil, Obama não deverá se pronunciar, senão genericamente, sobre o tema da reforma do Conselho de Segurança da ONU*. Para o governo americano, o Brasil cometeu um “pecado mortal” ao votar contra a resolução do Conselho de Segurança sobre novas sanções ao Irã, em junho de 2010, “comprometendo a própria credibilidade do sistema”².

Não se manifestando declaradamente, podemos dizer que os Estados Unidos utilizam o tempo para novas avaliações da postura brasileira frente a certas decisões que envolvem a política mundial. Podemos inferir dessas escolhas que ou o presidente não assume a importância de sua figura para a solução de tal impasse ou não lhe permitem tal postura para a elucidação do fato. Dependendo do conhecimento de mundo do leitor, as palavras anunciadas podem ser direcionadas tanto à pessoa do presidente como à sua intenção de proferi-las, à sua ideia; o que podemos reiterar com as palavras do Círculo de Bakhtin (2009, p. 61), de que “toda expressão semiótica exterior, por exemplo, a enunciação, pode assumir duas orientações: ou em direção ao sujeito, ou, a partir dele, em direção à ideologia”.

Continuando a análise, o verbo parecer em “Parece” (I), segundo Ducrot (1987), introduz uma asserção não assumida pelo locutor, mas mostrada como a de um enunciador estranho, constituindo um ponto de partida de um raciocínio e justificando outra asserção expressa por: *improvável [...] defender explicitamente o ingresso do Brasil no Conselho de Segurança da ONU*. Por outro lado, o emprego do tempo verbal futuro do pretérito “desejaria”, em (II), denota “uma asseveração modesta em relação ao passado” (BECHARA, 2004, p. 280), podendo refletir pouca responsabilidade pelo dito. Podemos dizer que os locutores de ambos os editoriais parecem se eximir da responsabilidade de tais dizeres.

Os advérbios modalizadores como (improvável defender) *explicitamente* e (pronunciar) *genericamente*, segundo Neves (2000), podem indicar uma opinião sobre a asserção. Podemos inferir que tais advérbios utilizados pelos locutores intentam configurar a postura de Barack Obama a respeito do ingresso do Brasil no Conselho da ONU como sendo inexpressiva. Desse modo, podemos dizer que a escolha dos meios linguísticos nos dois

¹ <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/relacoes_brasil_eua/contexto1.html>. Acesso em 13 jun. 2011.

² <<http://www.forte.jor.br/2011/02/06/obama-nao-quer-brasil-no-conselho-da-onu/>>. Acesso em 08 jun. 2011.

enunciados, como diz Bakhtin (2003, p. 289), “é determinada, antes de tudo, pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido”.

Prosseguindo nossa exposição das relações entre os editoriais de 18 de março de 2011, o enunciado do § 6 (I): *A visita de Obama possui, do ponto de vista político e diplomático, mais o aspecto de uma aproximação necessária;* e o enunciado do § 4 (II): *No aspecto econômico/comercial, é razoável esperar progressos a partir da visita. [...] um dos objetivos da viagem é enfocar questões econômicas,* permitem-nos a relação de sentido com a necessidade americana de absorver a tecnologia desenvolvida no Brasil para a composição de biocombustíveis, visto serem os EUA os maiores consumidores de querosene de aviação do mundo. Nas palavras de Marcos Sawaya Jank, presidente da ÚNICA: “Estamos avançando na energia elétrica e em novos combustíveis feitos de biomassa e biotecnologia; começamos a entrar na era dos bioplásticos, do diesel e do querosene de aviação feitos de sacarose, da gaseificação e das grandes biorrefinarias”³.

A palavra, como diz Bakhtin (2009, p. 38) “está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação”. Podemos observar que no enunciado (I), o locutor trata a visita de Barack Obama *do ponto de vista político e diplomático*, e no enunciado (II) de *aspecto econômico/comercial*. Podemos dizer que um completa o outro, pois é necessário resolver as questões pendentes, como a extinção da sobretaxa do etanol brasileiro e o ingresso do Brasil no Conselho da ONU, para depois surtirem os efeitos em acordos como *garantia de fornecimento do petróleo do Brasil aos EUA, tendo em vista inclusive a produção do pré-sal*, exposto no § 4 do jornal *O Globo*.

Após a análise das relações dialógicas entre os editoriais observadas nas escolhas realizadas, passaremos ao implícito nos enunciados.

2.2. O implícito nos enunciados

Para o Círculo bakhtiniano, quando nos deparamos com a réplica, todos os nossos sentidos entram em ação para a preparação do sentido da enunciação, numa referência ao passado, ao presente e às possíveis respostas que virão no futuro, de todas as direções, num diálogo contínuo. Com base nessa proposta, podemos estabelecer uma ponte com o conceito de pressuposição de Ducrot (1987, p. 41), quando afirma que “mesmo que, de fato, nunca tenha sido introduzido anteriormente ao ato de enunciação [...], ele procura sempre situar-se em um passado do conhecimento, [...], ao qual o locutor parece referir-se”. Mesmo pertencente a uma linha diversa à teoria dialógica, as ideias do estudioso francês se encontram com as do filósofo russo no estudo da linguagem, quando aquele considera a pressuposição como parte integrante do sentido da linguagem, sentido este, resultado do enlace da “multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (BAKHTIN, 2009, p. 42).

Seguindo as concepções de ambos os teóricos, podemos dizer que o sentido de cada enunciado em questão, foi construído sobre as bases das intenções pretendidas de seus enunciadores. A pressuposição é apresentada como uma evidência, como um quadro incontestável no interior, ou seja, como um elemento do universo do discurso. Nos editoriais da *Folha de S. Paulo* e do *O Globo* foram observadas as posições defendidas nos enunciados pelos pressupostos apresentados.

- Pressuposto básico do editorial do jornal *Folha de S. Paulo: A visita do presidente americano Barack Obama não deverá trazer soluções concretas às necessidades brasileiras.*

Esse pressuposto aparece no:

³ <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,o-etanol-na-visita-de-obama,692051,0.htm>>. Acesso em 13 jun 2011.

Lead (logo após o título) - Sem perspectivas de ganhos concretos [...].

§ 4 - Não há tanto a esperar [...].

§ 4 - Parece improvável [...] defender [...].

§ 5 - Isso representaria um notável passo [...] dos impasses internacionais.

§ 5 – [...] frases protocolares e pouco encorajadoras.

§ 6 - A visita [...] mais um aspecto de uma aproximação necessária [...].

§ 8 - Discursos, cortesias, futebol e samba [...] parte mais substancial [...].

Sustentado em todo enunciado, a ideia pressuposta aparece de forma contundente no último parágrafo: *Barack Obama [...] possui talento suficiente para realizar a contento essa missão de relações públicas.*

- Pressuposto básico do editorial do jornal *O Globo*: *Há uma grande esperança na visita do presidente americano Barack Obama para a solução de alguns impasses entre Brasil e EUA.*

Esse pressuposto aparece no:

§ 1 - É grande a expectativa [...].

§ 1 – [...] superação da fase de tensões e desentendimentos [...].

§ 2 – [...] antes da posse já indicara desejar uma relação mais próxima com os EUA.

§ 3 - São consideráveis as chances de melhoria das relações bilaterais [...].

§ 4 – [...] é razoável esperar progressos a partir da visita

§ 4 - A área energética deverá ser contemplada [...].

§ 4 - São esperados acordos importantes [...].

Confirmado em todo o enunciado, o sentido de tal pressuposição aparece de forma categórica no último parágrafo: *O clima do encontro entre Obama e Dilma pode ser definido como otimista.*

Para Ducrot (1987, p. 42) dizer “que pressuponho X, é dizer que pretendo obrigar o destinatário, por minha fala, a admitir X, sem por isso dar-lhe o direito de prosseguir o diálogo a propósito de X”. Assim, podemos concluir que os locutores dos enunciados dos editoriais, por meio de pressupostos, sedimentaram aquilo que já previam expor, cada um com sua visão avaliativa que a visita do presidente Barack Obama representaria para a nação brasileira. E de forma indiscutível.

Conclusão

A análise dialógica realizada na observação da multiplicidade de vozes e da materialidade linguística/discursiva de cada enunciado revelou uma relação de tensão, em que o contexto sócio-histórico foi determinante para a compreensão/interpretação das diversas opiniões.

Podemos dizer que a escolha dos diferentes recursos linguísticos pretendeu a adesão ideológica do público-leitor, numa correlação com os acontecimentos anteriores e o contexto vigente. Originada das relações dos fios dos sentidos, também observamos a pressuposição, realizada de maneira estratégica para a concretização do intento de cada enunciador.

Procurando relacionar os sentidos de enunciados pertencentes ao mesmo gênero, sobre o mesmo assunto e veiculados por jornais diferentes, no mesmo dia, podemos auxiliar nossos aprendizes a compreender/interpretar as diferentes opiniões sobre os acontecimentos que fazem a nossa história.

Esperamos, assim, proporcionar ao profissional de educação sugestões de análise, possibilitando auxiliar o aprendiz quanto ao julgamento crítico de suas leituras e, conseqüentemente, à tomada de uma posição axiológica na sociedade da qual faz parte. Esperamos, também, colaborar na concretização dos Parâmetros Curriculares Nacionais e com as pesquisas da Linguística Aplicada.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora F. Bernardini, José P. Júnior, Augusto G. Júnior, Helena S. Nazário e Homero F. de Andrade. São Paulo: HUCITEC, 2010.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília, Ministério da Educação, 2000.
- BRITO, Eliana Vianna. Diferentes leituras do discurso publicitário no contexto escolar. In: BRITO, E.V. (org.), *Escola e Mídia Impressa: diferentes leituras*. Taubaté, São Paulo: Cabral, 2004, p. 47-62
- CARDOSO, Darlete. O jornalismo como (re) produtor de enunciados. In: *Linguagem em (dis)curso on line*, vol. 1, nº 2, 2001.
- CARVALHO, Adriana Cintra de; PUZZO, Miriam Bauab. Textos opinativos: uma questão de Gênero. In: *Rev. Ciências Humanas*, Taubaté, v. 9, n. 2, p. 155-160, jul./dez. 2003.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. Tradução: Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2010.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- ECO, Umberto. *From Internet To Gutemberg*. The Italian Academy for advanced Studies in America. November 12, 1996.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Caras e Você S.A.: escultura da imagem e visibilidade social. In: *Mídia, educação e leitura / organização de Valdir Heitor Barzotto, Maria Inês Ghilardi*. São Paulo: Anhembi Morumbi: Associação de Leitura do Brasil, 1999, p. 121.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 2009.
- MACHADO, Irene. A questão espaço temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia. In: *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Luciene de Paula; Grenissa Stafuzza (org.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.
- MANUAL da redação. Folha de S. Paulo. 16. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.
- MANUAL de redação e estilo. O Globo. 23. ed. São Paulo: Globo, 1996.
- MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000. (Coleção primeiros passos).
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: *Revista Brasileira de Educação – ANPED nº 11 mai/jun/jul/ago-1999*, p. 5-16. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Genebra. Tradução de Glaís Sales Cordeiro.